



O ESPAÇO DE MORAR: FUNCIONALIDADE E QUALIDADE NA HABITAÇÃO

GOLYJEWSKI, Ricardo Lodrigo¹
SOUSA, Renata Esser²

RESUMO

O presente estudo abrange a temática da funcionalidade e a qualidade na habitação, especificamente no espaço de morar, sendo ele uma ferramenta de influência no cotidiano de quem o habita. O trabalho abarca a análise dos requisitos e critérios que precisam ser levados em consideração no exercício projetual, para o alcance de um projeto habitacional que atenda as necessidades dos usuários, prezando pela qualidade de vida do usuário. Além disso, mostram-se as condições básicas para uma boa habitação, sendo a espacialidade, funcionalidade e flexibilidade. Para o alcance desta análise, utiliza-se como metodologia de pesquisa, a pesquisa bibliográfica em conjunto com o estudo de caso, demonstrando os princípios e conceitos sobre o assunto proposto, e realizando uma análise prática em um projeto de arquitetura de uma residência unifamiliar, mostrando os pontos fracos e fortes do projeto, uma vez que o arquiteto precisa tomar as devidas providências para atender de maneira satisfatória o cliente, determinando a qualidade habitacional do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Qualidade habitacional, Espaço de morar, Satisfação residencial, Funcionalidade, Flexibilidade.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abrange os desafios encontrados nos escritórios de arquitetura pela demanda e necessidade da população de projetos habitacionais com qualidade e funcionalidade.

Dentro e fora dos escritórios, podemos nos deparar com a insatisfação de indivíduos em relação ao seu espaço de habitação, o qual pode ter sido mal dimensionado internamente, impedindo a boa funcionalidade e qualidade de vida dos habitantes. Desta forma, justifica-se o estudo pela seriedade da compreensão das funções domésticas, dos equipamentos e mobiliários mínimos e das atividades que serão realizadas pelos futuros usuários, para a boa espacialidade da edificação. Também é, de extrema importância, a abordagem dos conceitos de funcionalidade e flexibilidade que valorizam e beneficiam os projetos de habitações.

Perante o exposto, formulou-se a seguinte problematização: É possível contemplar todas as atividades dos usuários com qualidade e funcionalidade no espaço residencial? De que forma isso pode ser realizado?

¹ Acadêmico do décimo período do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. E-mail: ricardogoly@hotmail.com

² Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo UEM/UEL, Professora do Centro Universitário FAG e orientadora da presente pesquisa. E-mail: re_esser@hotmail.com



Como hipótese, acredita-se que considerando as necessidades da família e estando atento as dimensões necessárias para que isso ocorra de maneira eficaz, faz com que essa qualidade e funcionalidade que os usuários buscam possa ser possível. Isso pode ser feito, através da compreensão do nível de funcionalidade e do conforto necessários esperados pelos moradores, propondo uma arquitetura que cumpra com seu papel e transforme um ambiente hostil, em um lugar agradável e que desperte a sensação de bem estar e de pertencimento em quem dele fará uso.

A pesquisa propõe como objetivo geral, expressar os requisitos e critérios que devem ser levados em conta pelo arquiteto, para um bom projeto de habitação cooperando para o atendimento das necessidades dos usuários, promovendo a qualidade de vida.

Para alcançar o objetivo geral da pesquisa, apresentam-se os seguintes objetivos específicos: a) Conceituar a função de morada, e o habitar; b) Identificar quais as atividades que esta tipologia de projeto realiza; c) Versar sobre a qualidade habitacional e sua importância; d) Relacionar os quesitos básicos para a promoção da qualidade habitacional: espacialidade, funcionalidade e flexibilidade; (v) Realizar a comparação de um projeto habitacional unifamiliar, relacionando aos conceitos abordados na pesquisa, e apontando possíveis problemas e soluções.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ESPAÇO DE MORAR

A arquitetura é a arte de edificar para acatar aos desejos da coletividade, procurando seu bem-estar, segurança e conforto. Abrange espaços fechados e abertos. Podendo ser coberto ou não. Com exemplares acentuados ao decorrer da história, os arquitetos têm desenvolvido recursos que, ao lado dos progressos tecnológicos, geram condições para a fiel busca desse ideal, comprovando que a arquitetura dos espaços pode propagar sentimentos, além de desempenhar sua função principal de abrigar. O ambiente onde somos inseridos, seja ele edificado ou não, dá estímulos que podem nos desagradar ou agradar, provocando sensações de desconforto se possuir grande desigualdade com os limites de nosso corpo. Além disso, a equipagem cultural do sujeito definirá o que lhe é apazível ou não, pois as escolhas dependem da narrativa de cada um (BESTETTI, 2014, p. 602). As precisões, probabilidades e



aspirações ou desejos são deliberados ou influenciados por múltiplos dados como o estágio do ciclo de vida familiar, acesso aos meios de comunicação, carreira habitacional, o poder aquisitivo, cultura e todo o meio envolvente deste utente e seu grupo familiar. São esses subsídios também que vão constituir um maior ou menor contentamento do habitante com sua habitação (PEREIRA, 2015, p. 18).

Ponderando que morar é um dos aspectos determinantes e, tranquilamente, o que mais entusiasma na qualidade de vida no habitual do ser humano, torna-se imperioso colocar parâmetros qualitativos ao ambiente residencial, fundamentados no diagnóstico das funções e atividades que ali acontecem como ferramenta para a fixação de um programa e para o dimensionamento do lugar construído da habitação. Esse diagnóstico deve ser feito a partir do homem, utente desse espaço construído (KENCHIAN, 2001, p. 11).

A palavra casa resume a habitação da família, enquanto instituição básica do universo, que independe da classe social a qual compete, número de membros, perfil familiar, padrões comportamental ou mutações que definiram os arrolamentos entre seus integrantes e entre eles e a coletividade. A casa é o programa arquitetônico mais corriqueiro, encontrado em todas as culturas e ocasiões históricas. Tipo edifício que corta gerações, institui a forma como o homem entende a relação público/externo-privado/interno e as afinidades interpessoais que determinam as posições de cada membro (ALDRIGUE, 2012, p. 17-18). Ainda neste parâmetro, Kenchian (2001, p. 11) afirma que a habitação é a configuração mais atuante do espaço arquitetônico, que se enrola espontaneamente à utilização e ao convívio do homem, estabelecendo os papéis e atividades no espaço residencial, tornando-a ainda mais necessária, pois se pode dizer para dar o real valor de sua importância, é que a habitação distingue-se por ser o amparo principal e mais remoto do homem, quer independente, quer fazendo parte de um grupo familiar.

A casa possui um patamar elevado de importância na questão do modo de vida, que acaba por modificar-se em sonho e objetivo de um indivíduo. A maior parte da habitação contemporânea não obtém a integração de transformação, forçando os indivíduos a moverem-se quando as suas precisões se transformam significativamente. Esse deslocamento alimenta a mercantilização sucessiva da habitação, criando uma habitação carente de personalidade, o que amortece a habilidade dos indivíduos e das famílias para fazer qualquer tipo de alteração – inflexibilidade. A maior parte das habitações que atualmente ainda se edifica agrada, talvez, boa parte das nossas necessidades físicas, mas não conseguem dar amparo à nossa mente (ESTEVEES, 2013, p. 69).



2.1.2 Atividades Domésticas

O conceito de atividade segundo Kenchian (2001, p. 62), envolve um conjunto de atos como o de escovar os dentes. O complexo de atividades abrange um contíguo característico de atividades funcionais e espacialmente pautadas, que formam um sistema de desempenho unificado, como as lavagens corporais. A função abarca um conjunto de sistemas de funções que constituem uma unidade mais generalizada do comportamento em um ambiente.

De modo geral, as precisões de espaço que o utente determina, modifica logo que sua vida evolui. Esta evolução passa por múltiplas etapas, pois quando solteiro, sua necessidade de habitação é contentada em conjunto com a família até o bem-estar financeiro, e quando capta seu lugar próprio, forma uma família própria, a precisão de um espaço vai se desenvolvendo na mesma rapidez que a família se desenvolve. Além disto, pendendo das atividades dos utentes desta família, a obrigação de um lugar para o trabalho em casa, para o lazer, para o estudo e também para atividades de cunho social, atendimento de amigos entre outras, serão acrescentadas nas necessidades características de moradia. As implicações que decorrem do não acolhimento de determinadas necessidades de espaço provocam danos, os mais variáveis, e esta sujeito à conduta e estrutura psíquico-social do utente (CÍRICO, 2001, p. 20-21).

2.2 QUALIDADE HABITACIONAL

A habitação é uma obra complexa que resulta da interação de um alto número de interventores e da reunião de uma ampla variedade de espaços, , materiais, componentes e elementos. A qualidade de vida dos habitantes em uma residência está inteiramente incluída à magnitude dos espaços habitacionais. Quando a habitação tem particularidades inferiores a definidos limites, as condições de segurança e saúde dos residentes ficam sujeitadas a riscos. A qualidade da habitação também está sujeito às peculiaridades da sua envolvente. Assim, em concordata com o conceito geral, a qualidade habitacional pode ser resolvida com a adaptação da residência e sua envolvente às demandas dos moradores (KENCHIAN, 2001, p. 38).

A disfunção ambiental concebe a falta de conversa na relação entre o espaço e o indivíduo para a qual ele foi edificado, em resultado de numerosos fatores subjetivos. Um deles, por exemplo, seriam as incitações externas provocadas pelos sentidos, em particular



pela visão. Este aspecto analisado pela psicologia ambiental mede vários artifícios ambientais que motivam conflitos contrários no usuário no que diz respeito ao espaço, inviabilizando a sua qualidade de vida (VASCONCELOS, 2001, p. 68). Assim sendo, o arquiteto poderá por meio do seu trabalho, projetar e colaborar para que os projetos possam originar pelo meio do empreendedor, imóveis que irão apresentar ao utente maior contentamento e por conseguinte, uma melhor qualidade de vida (CÍRICO, 2001, p. 42).

Nesta linha de pensamento, debate-se sobre os fatores levados em conta no exercício projetual para o alcance da qualidade habitacional.

2.2.1 Espacialidade

Uma casa é um procedimento que inicia-se nas mãos do arquiteto, mas que deve ser prosseguida pelo habitador, no decorrer do tempo – cenário com maior possibilidade de ocorrer caso se constate a adaptabilidade e flexibilidade dos espaços. Ou seja, a morada deve ser concebida para durar no tempo e ir erigindo uma história arranjada pelas pessoas, por meio da ação de habitar. Esta ininterruptão proporcionada aos habitantes faz deles “aprendizes ativos e moldáveis”, incitando a modificação e o dinamismo para prováveis apropriações e adequações. Mais, a inclusão e a participação dão capacidade às pessoas e fortalecem a sua identificação e interação com os lugares (ESTEVES, 2013, p. 99).

O diagnóstico dos ambientes funcionais se finaliza, a partir da crítica matricial sobre a compatibilidade entre os ambientes e as atividades, e de proximidade entre os ambientes, ao constituir as ligações preferenciais, ao se elaborar fluxogramas espaciais para as mais variadas tipologias da habitação, de acordo com a determinação dos ambientes imprescindíveis ao desenvolvimento das funções para cada conformação familiar, no atendimento desta como usuária da habitação. O fluxograma espacial evidencia quais são as relações físicas e de entrada viventes entre os ambientes, respeitando a localização destes em suas relativas zonas de utilização (KENCHIAN, 2001, p. 337).

O estudo da ambiência almejada para cada ocasião de espaço, seja qual for a escala, traz contribuições relevantes para a compreensão das classes físicas e emocionais do bem-estar pessoal, e nisso, consideram-se os estímulos à conduta dos indivíduos implantados nesse contexto, aperfeiçoando seu relacionamento. É benquisto o termo meio ambiente como sinônimo de ambiência, considerando que aí está implantado o meio moral e material. Assim sendo, um projeto arquitetônico deve ser estruturado ajustando-se todos os elementos como



um aparelho complexo e inter-relacionado. Além das ferramentas compositivas e programáticas, faz-se indispensável uma crítica das condições ambientais compreendidas pelo usuário, já que o mesmo tem a capacidade de interatuar com o ambiente através dos sentidos. Assim, a percepção espacial põe parâmetros de orientação, qualidade ambiental e conforto, com os quais esses intérpretes estabelecem embates com a participação ativa e o protagonismo (BESTETTI, 2014, p. 602).

2.2.2 Funcionalidade

A significação funcional e dimensional do espaço da habitação ocorre pelas atividades que nela são desenvolvidas, e não por uma predestinação do que poderá ocorrer no espaço. Dito isso, o ambiente tem se mostrado multifuncional, onde sua multifinalidade, ou a multiplicidade de atividades nele refugiadas, tem expressão no Movimento Moderno, de estilo funcionalista, e que remete às ascendências da habitação (KENCHIAN, 2001, p. 61). O meio ambiente é edificado fazendo o uso de valores objetivos como função, forma, textura, cor, temperatura, ventilação, sonoridade, iluminação e simbologias. Cada um destes valores objetivos estruturam o espaço funcional, procedendo um espaço da arquitetura e definindo o nível de bem-estar de seus usuários (BESTETTI, 2014, p. 602).

De acordo com Pereira (2015, p. 73), a funcionalidade está muito incluída com a ideia de mínimo: dimensionamento mínimo, desempenho mínimo, função mínima, muitas vezes corrompendo o conceito e derivando projetos impróprios, danificando a performance das atividades, o conforto do usuário e a acessibilidade.

Abarcando a habitação como um preceito funcional, pode-se subdividi-lo por zonas de domínio. Cada zona habitacional constitui-se em seu interior por partes distintas por natureza, hierarquizadas e independentes entre si e, logo, compondo em si mesmo um sistema (KENCHIAN, 2001, p. 281). De acordo com Fonseca (2010), a funcionalidade compreende zonas, tais como, áreas comuns, circulação, depósito e áreas privadas. A zona de circulação deve indicar ao utente autonomia, facilidade e competência de orientação; pode ser estruturadas por hall de entrada, escadas, espaços existentes entre mobiliários, corredores e os equipamentos de moradia. A zona comum aborda os ambientes indicados à reunião familiar, como a cozinha, salas de estar e jantar, propostas à sociabilidade, mediante encontro da família e convidados. A zona privada é constituída por espaços guardados com número alto de



domínio de acesso pelo utente, como o dormitório, estudo e banheiro ou sala de trabalho. A zona de depósito envolve a despensa, garagem, sótão e subsolo e armários.

De acordo com Círico (2001, p. 59), é essencial pensar atenciosamente na funcionalidade do espaço construído. O espaço, para ser analisado como funcional, carece consentir a requisitos legais e operacionais conforme sua destinação e com circulação apropriada, ou seja, confortável ao usuário sem que sua utilização traga danos futuros para sua saúde (VASCONCELOS, 2001, p. 73).

2.2.3 Flexibilidade

A flexibilidade na arquitetura sugere uma agregação à natureza espacial, à tecnologia construtiva, ao programa e aos usuários. A flexibilidade nos ambientes habitacionais, por meio da funcionalidade, sustentabilidade, durabilidade e dinamismo dos procedimentos e dos usos, contrapõem-se à visão de edifícios como artifícios estáticos no tempo. Se trata de um aparelho que pode seguir o desenvolvimento das competências financeiras e culturais ao longo do tempo, bem como as dúvidas inesperadas do futuro e as mutações dos hábitos e prioridades individuais da sociedade, que acabam influenciando o ambiente doméstico (ESTEVES, 2013, p. 35).

De acordo com Vasconcelos (2001, p. 70), a probabilidade de adaptação do ambiente às necessidades dos habitantes precisa ser uma preferência do projeto, apresentando certa flexibilidade, no que diz respeito ao episódio de futuras modificações dos espaços físicos, levando em conta as especificidades dos distintos usuários. Esta habilidade de absorver mudanças ou alterações do ambiente é um fator positivo do projeto arquitetônico pertinente à questão de flexibilidade e de aumento da unidade habitacional por precisão familiar.

A percepção de ambientes para habitar com áreas mínimas, além de ter em conta o limite mínimo para que os meios necessários da atividade doméstica se concretizem, também antevê um lugar no qual é aceitável manusear um verificado número de elementos, conforme a vontade do utilizador. Não se trata exclusivamente de uma otimização de disposição, mas também de flexibilidade interna e multifuncionalidade. Esta consideração, aplicada ao espaço mínimo, denota que um mesmo cômodo possa usufruir de diferentes configurações e funcionalidades. O espaço mínimo deve acomodar-se ao sujeito que o ocupa e não limitar as respostas às suas obrigações diárias (MARQUES, 2012, p. 26).



Nesta mesma linha de pensamento, Esteves (2013, p. 35-37) afirma que como não temos a capacidade de antever todas as alterações e requisições nos hábitos, a flexibilidade espacial na habitação acrescenta o leque de soluções aos vários desígnios espaciais e modos de vida, de forma a tolerar uma variedade de atividades, ao embate de práticas e costumes diferenciados. A flexibilidade volta-se para o contentamento do usuário, na medida em que é apto de responder a anseios e reivindicações individuais no decorrer do tempo, melhorando o ambiente doméstico, nutrindo a habitação ativa e constante. Além disso, adiciona as possibilidades de adaptação/readequação de certas partes da habitação, assim que seja necessário, tornando mínimas as possibilidades de obsolescência do artifício arquitetônico, garantindo a qualidade arquitetônica residencial e ampliando o desempenho da edificação ao longo da vida útil da habitação.

3. METODOLOGIA

Define-se pesquisa como uma metodologia sistemática e racional, que tem o intuito de promover respostas aos problemas que são aludidos. Necessita-se da pesquisa, quando não se dispõe de subsídios satisfatórios para replicar o problema, ou, quando o conhecimento disponível se depara em tal situação de desordem que não possa ser adequadamente catalogada ao problema. A pesquisa desenvolve-se através dos conhecimentos disponíveis e o emprego cuidadoso de métodos, técnicas e demais procedimentos científicos. É através de um demorado processo que abrange inúmeros lances, desde a apropriada elaboração do problema até a suficiente exposição dos resultados atingidos. (GIL, 2002, p. 17).

A classificação dos métodos de pesquisa se faz por meio de critérios. No que diz respeito às pesquisas, é comum a categorização com apoio em seus objetivos gerais. Dessa forma, classificam-se as pesquisas em três amplos grupos, sendo exploratórias, descritivas e explicativas. A pesquisa exploratória tem como intuito originar uma maior compreensão do problema, tornando-o mais explícito ou estabelecendo hipóteses, tendo como alvo principal o ampliamiento de ideias. A pesquisa descritiva tem como escopo, descrever as características de determinada população ou acontecimento, e também pode instituir relações entre variáveis. Utiliza-se de técnicas uniformizadas de coleta de dados, como observação sistemática e questionário. Já a pesquisa explicativa, possui como desígnio central, a identificação de elementos que deliberam ou cooperam para o evento dos fenômenos. Esse é a tipologia de pesquisa que mais enraíza o conhecimento da realidade (GIL, 2002, p. 42).



Ainda de acordo com Gil (2002, p. 43), para a análise dos fatos do ponto de vista empírico, e confrontar a visão teórica com os dados da realidade, necessita-se traçar um modelo conceitual e operativo de pesquisa. Há a divisão de dois grupos. O primeiro é constituído pela pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. No segundo encontram-se a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post facto, o levantamento e o estudo de caso.

A metodologia que será empregada para a preparação do presente estudo e irá propiciar o fundamento para a apreensão do todo, adotará princípios, referindo-se em estudos de caso, com apoio na pesquisa bibliográfica. Para Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa bibliográfica versa em um resumo de dados sobre os principais trabalhos de maior importância já preparados, capazes de fornecer informações indispensáveis catalogados ao tema. Não sendo só uma reprodução do que já foi realizado, mas sim uma referência ou apoio a novas análises. Gil (2002, p. 41) destaca, ainda, que o essencial melhoramento da pesquisa bibliográfica mora na entrada de admitir ao investigador a cobertura de uma gama de acontecimentos muito mais extenso do que aquelas que poderia pesquisar espontaneamente.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para esta análise e discussão sobre qualidade habitacional, utiliza-se como base um projeto de uma residência unifamiliar, apontando os pontos fortes e fracos do projeto arquitetônico, com base nos conceitos e princípios expressos no decorrer da fundamentação teórica.

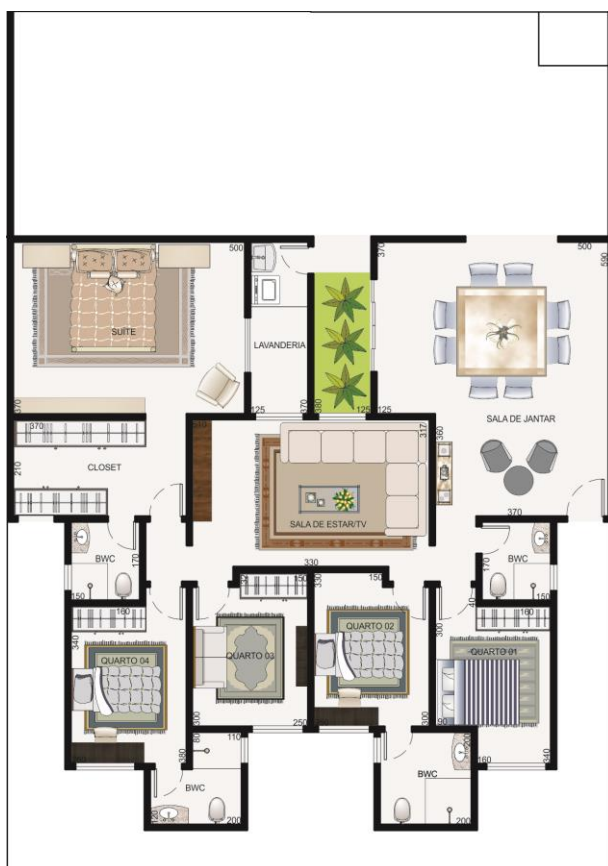
O presente projeto arquitetônico habitacional acolhe uma família de dois adultos, com dois filhos pequenos. A proposta projetual trata-se da unificação de duas residências da mesma tipologia, sendo um desafio ao profissional conciliar a flexibilidade, funcionalidade e espacialidade para atender as demandas da família. Inicialmente, foram sintetizados os desejos e as atividades que a família determina para sua realização no espaço de morar, havendo a criação de espaços para estudo dos adultos e destinados as crianças.

A família recebe muitas pessoas, então necessita dispor de uma ampla área gourmet para a efetivação das reuniões com familiares e amigos. Anteriormente à unificação das edificações, esta área já estava expandida, porém, com a junção dos projetos, necessitou-se uma modificação nos ambientes, e criação de outros, para que haja a total interação dos usuários com sua moradia, proporcionando a qualidade de vida e conforto na habitação.



Como foi versado na fundamentação teórica, o projeto deve adaptar-se as novas necessidades que surgem ao usuário. O projeto em questão não atende essa demanda, principal motivo pela escolha da unificação das residências (Figura 1), em busca de mais espaço e mais opções no programa de necessidades.

Figura 1 – Projeto Arquitetônico de uma residência unifamiliar unificada.



Fonte: Acervo do autor.

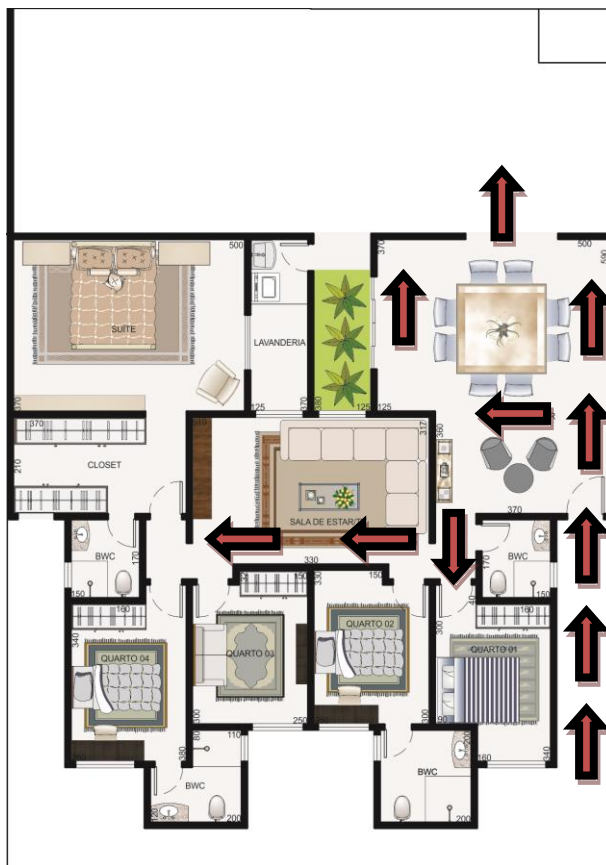
Sendo um casal, com duas crianças, as atividades domésticas realizadas se ampliam. Desta forma, o casal requereu um espaço lúdico para os filhos, servindo como uma brinquedoteca e local de entretenimento aos mesmos. Para uma continuidade da modificação desta habitação posteriormente, a criação deste espaço foi realizada, e já preparada para que futuramente esse espaço possa vir a se tornar um local de estudos conforme os filhos cresçam e se desenvolvam. Para atingir a qualidade habitacional neste projeto arquitetônico, levou-se em consideração os fatores abordados no embasamento teórico – funcionalidade, flexibilidade e espacialidade – para evitar futuros problemas nas alterações de projeto.



No que diz respeito a funcionalidade, a casa foi compreendida em zonas, sendo elas as comuns, de circulação e áreas privadas.

A zona de circulação (Figura 2), traça um eixo principal social, uma vez que se apresenta nas dependências da sala de estar e jantar, e segue diretamente a área gourmet. A circulação privativa acontece de forma mais sucinta, devido à limitação de espaço, um dos empecilhos para a concretização da real qualidade habitacional, se tratando de uma residência para quatro pessoas.

Figura 2 – Zona de Circulação

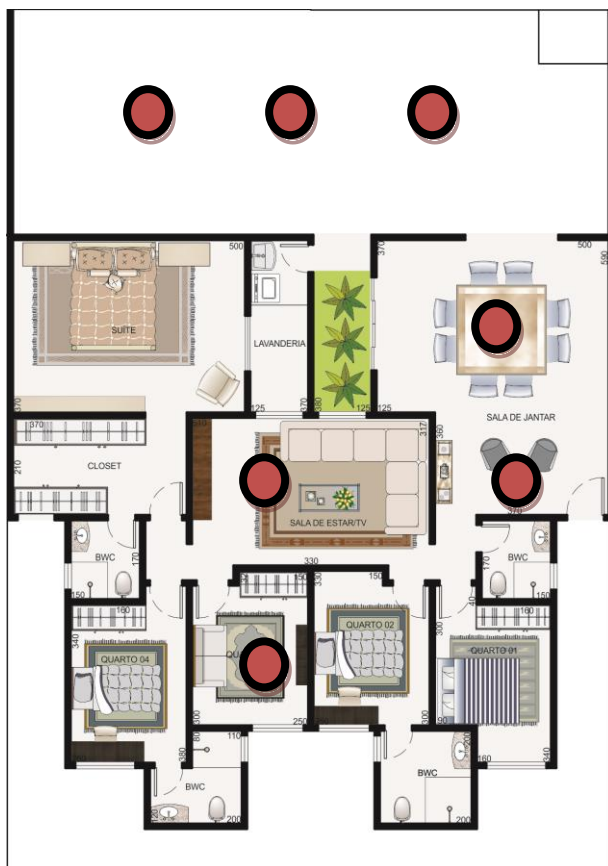


Fonte: Acervo do autor.

A zona comum (Figura 3) abrange os ambientes que são destinados essencialmente à família, como as salas de estar e jantar, cozinha/área gourmet, e brinquedoteca que também recebe os amigos das crianças. Esses ambientes tem o intuito de promover a sociabilidade no encontro da família e de convidados.



Figura 3 – Zona de Comum



Fonte: Acervo do autor.

Por fim, a zona privada constitui-se pelos espaços guardados e de domínio dos usuários da habitação, como os dormitórios, salas de estudo, banheiros privativos e escritórios. A sala de TV faz esta distribuição, sendo o ponto focal da residência. Através dela é que se estende o trajeto aos dormitórios, e as salas de estudo, garantindo uma maior privacidade apesar do pouco espaço disponível.

Por meio da subdivisão de zonas, se atinge a espacialidade da edificação para a qualidade habitacional, uma vez que essa subdivisão respeita o uso dos espaços, definindo quem terá o acesso direto aos ambientes, mantendo a funcionalidade e melhor aproveitamento de espaço, promovendo também uma melhor circulação interna. Na questão da flexibilidade dos ambientes, alguns deles foram estruturados para possíveis modificações futuras. A brinquedoteca como já foi citada, está estruturada para se transformar em uma sala de estudo aos filhos do casal. A pedidos da moradora, um espaço reservado entre o quarto e o closet foi criado para mais privacidade em seus estudos. Futuramente também se pode modificar o



quarto de hóspedes transformando-o em um escritório, quando um dos filhos do casal deixarem o lar.

Desta maneira, através da análise de qualidade habitacional e as tentativas do profissional de arquitetura em transformar a unificação destas habitações o mais funcionais e flexíveis possíveis, nota-se algumas barreiras, como o insuficiente espaço disponível, uma vez que trata-se de uma família com quatro pessoas, que demandam muito mais espaço do que um casal apenas. Porém, considerando a funcionalidade através das circulações estruturadas no local correto, o fluxo dos indivíduos neste espaço interno é otimizado. Como foi visto na fundamentação, não se pode antever o futuro dos usuários, mas pode-se definir alguns parâmetros para a flexibilidade dos ambientes, para serem multifuncionais na medida do possível, gerando menos transtornos para a família, no momento em que decidir realizar alterações no projeto pela mutação das atividades realizadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a mostrar a importância da qualidade habitacional no espaço de morar, exaltando as estratégias para que esse patamar possa ser atingido, atendendo aos anseios dos usuários.

Através da fundamentação, os objetivos específicos foram atingidos. Resgatando o problema de pesquisa, indagou-se: É possível contemplar todas as atividades dos usuários com qualidade e funcionalidade no espaço residencial? De que forma isso pode ser realizado?

No decorrer do trabalho, ao se analisar o embasamento teórico obtido, e aplicá-lo na prática tendo como base o projeto arquitetônico de uma residência unifamiliar, constatou-se que o profissional, estando atento as dimensões necessárias para atender as necessidades da família, consegue fazer com que a qualidade habitacional ocorra de maneira eficaz, podendo ser realizado na proposta de uma arquitetura que cumpra o seu papel e modifique o espaço mínimo, em um lugar agradável e satisfatório, despertando a sensação de bem estar e de pertencimento em quem dele usufruir.

Pode-se concluir, por meio das análises e discussões, e toda fundamentação que enriqueceu este trabalho, que o profissional necessita realizar o exercício projetual transformando em longo prazo, ou seja, após passar de suas mãos o projeto concluído, que a própria família possa ter a opção de transformar o mesmo ambiente, evitando que a mesma precise procurar um outro lugar, com espaços melhores, o que definirá que o projeto em si



não atingiu a flexibilidade, espacialidade e funcionalidade necessária para o atendimento dos anseios da família para qual se propõem o projeto.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, Maryá de Sousa. **Aparências da forma e forma do espaço: Análise da configuração espacial de residências unifamiliares dos anos 1970 em João Pessoa – PB.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia, Departamento de Arquitetura. Natal, RN, 2012.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. **Ambiência: espaço físico e comportamento.** Revista Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2014; 17(3):601-610. Curso de Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

BILRO, Carla Isabel Velez. **Demonstração da funcionalidade, utilidade e da adequabilidade na arquitetura.** Lisboa: [s.n.], 2014, Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade de Lusíada de Lisboa, 2014.

CÍRICO, Luiz Alberto. **Por dentro do espaço habitável: uma avaliação ergonômica de apartamentos e seus reflexos nos usuários.** Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2001.

ESTEVES, Ana Margarida Correia. **Flexibilidade em Arquitetura: Um contributo adicional para a sustentabilidade do ambiente construído.** 2013. 224 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – dArq – FCTUC, Coimbra, 2013.

FONSECA, Paulo. **Urbanismo e mobilidade de construção e arquitetura.** Disponível em: <http://www.slideshare.net/efam1/palestra-1676264>. Acesso em 01 nov 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KENCHIAN, Alexandre. **Qualidade funcional no programa e projeto da habitação.** Tese (Doutorado em Projeto de Arquitetura) – FAUUSP. São Paulo, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5.ed. São Paulo: Atlnhas, 2003.

MARQUES, André dos Santos. **(Re) Habitar o Espaço Mínimo: a multifuncionalidade como estratégia de reabilitação.** 2012. 52 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012.

PEREIRA, Gabriela Moraes. **Funcionalidade e Qualidade Dimensional na Habitação: Contribuição à NBR 15.575/ 2013.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, SC, 2015.



VANCONCELOS, Cláudia Queiroz de. **Análise de funcionalidade e ergonomia em habitações compactas.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis, SC, 2011.